

LUX JORNAL RECORTES LTDA.
SUC. BELO HORIZONTE

Diário da Tarde — Caderno 2-15 PCTR 0582



Milton e Nilson Teixeira

Desde que foi lançada no ano passado, a Aliança dos Povos da Floresta vem colocando em prática suas propostas, ainda que enfrente a dificuldade de sensibilizar, de fato, as pessoas para a questão indígena — que está diretamente ligada à ecologia, não a da "onda", mas a do convívio diário e harmonioso com a Natureza. O objetivo da Aliança é ousado: ensinar ao mundo como e por que se deve respeitar o meio ambiente sem renegar o progresso. Milton Nascimento, um integrante da APF, já pôs em prática uma de suas propostas, com "Txai", um disco que divide com os outros povos da floresta.



Ailton Krenak e o cantor

MILTON, EM PARCERIA COM OS POVOS DA FLORESTA

Neide Magalhães

Preservar a Natureza está na moda. Ser ecologista também. Enquanto isso, a Floresta Amazônica continua sendo devastada, os rios brasileiros vão morrendo, o que resta de mata natural no Sudeste-Sul vai desaparecendo pelas mãos ignorantes de homens comuns. Não aprendemos nunca coisas como tirar do meio ambiente o que ele nos oferece sem precisar interferir em seu equilíbrio — mesmo porque a nossa vida depende da vida de plantas, águas, ar e bichos. Nas escolas não se aprendem maneiras concretas de ser um ecologista por consciência, de não precisar seguir também a moda de viver bem — isso devia estar na ordem do dia de qualquer um. E é preciso, por ironia, que as coisas cheguem ao ponto em que estão para que se fale do perigo da destruição da camada de ozônio, dos rios secando e sem peixes, dos bichos que vão sumindo da face da Terra e da provável extinção do homem.

Quando aparece um star como Sting mexendo com os brtos brasileiros, alguns ficam contra e outros vão atrás apenas para não perder o trem da História. A ênfase de tudo isso, só mesmo os que, pela sabedoria natural conhecem o equilíbrio da vida, podem demonstrar. As tribos indígenas que restam neste País são esses professores que não tivemos para nos ensinar desde o princípio a evitar o desastre. Nessa escola deveriam entrar primeiro os norte-americanos, europeus e japoneses e logo em seguida nós, os brasileiros, que também precisamos aprender a lição vital dos que amam a Terra como o lugar sagrado em que nos desenvolvemos, tendo à nossa volta tudo o que precisamos para viver.

A força da resistência

Há muito tempo, os índios vêm, no Brasil, tentando sensibilizar governos e populações para a necessidade de se manter intacto o equilíbrio da Natureza. Junto com eles, os seringueiros e ribeirinhos ainda enfrentam o drama da invasão dos posseiros em busca das riquezas que a Amazônia (mas não é só ela) oferece. A luta desses povos — que formam a Aliança dos Povos da Floresta — é mais do que centenária. Primeiro eles procuraram mostrar que eram os donos por excelência destas terras tropicais. Depois se defenderam à sua maneira dos ataques (quantos genocídios já não foram cometidos contra tribos inteiras?). Os índios brasileiros nunca foram compreendidos de fato em suas mensagens. Os que acharam, com algumas exceções, que tinham entendido, atrapalharam ao invés de ajudar. E o quadro que se tem hoje são 180 tribos espremidas em reservas lutando para preservar sua cultura, o que quer dizer preservar a cultura brasileira. Ao contrário de nós, os brancos, a ecologia faz parte da cultura deles. E é isso que eles estão tentando nos ensinar.

A Aliança dos Povos da Floresta foi levada ao público em maio do ano passado. Na época, o coordenador nacional das Nações Indígenas, Ailton Krenak, disse como

isso devia ser: "Queremos conversar com as pessoas do mundo e oferecer técnicas que determinam o modelo de ocupação das terras sem quebrar o equilíbrio ecológico. Ensinar o governo a fazer um desenvolvimento sem destruir o que existe".

Era a prova de que os índios tinham mudado de tática, fortalecidos com as experiências negativas, com a adesão à causa dos seringueiros e ribeirinhos e com o apoio de ecologistas famosos. Eles, que já eram fortes, estão ainda mais "ousados" agora, percebendo que é preciso mais do que chamar a atenção para a necessidade de se conservar o pouco que ficou do que já foi o paraíso brasileiro. O momento é

diversas tribos. Milton fez questão de conhecer primeiro "in loco" tudo isso, antes de entrar num estúdio para compor o elepê, que já estava no programa desde que firmou seu apoio à APF, como membro do movimento. Em agosto-setembro do ano passado, ele e equipe ficaram 18 dias viajando pelos rios na região do Acre, onde recolheu o material — além do que ele recebeu antes — com que trabalhou. O resultado é "Txai" — a prova mais do que concreta de que o aliado que índios, seringueiros e ribeirinhos ganharam é para valer.

Companheiro

Milton Nascimento poderia ter entrado

acompanhado de índios, seringueiros, indígenas, antropólogos e equipes de vídeo, áudio, documentando tudo. Durante a viagem, o artista tomou contato com o *modus vivendi* dos povos seus "irmãos". Depois veio a fase de digerir o material recolhido, de passar as impressões para os parceiros e fazer as músicas. Enquanto isso, as equipes se deslocaram outra vez para as regiões onde seriam feitas as gravações "in loco" — para isso foi montado um estúdio ambulante de 16 canais. E finalmente surgiu o disco que ganhou o nome de "Txai", entre "os muitos pensados".

A escolha desse título, segundo Milton Nascimento, tem a ver com o espírito do

ros e garimpeiros, as consequências desse contato forçado (as doenças), e que apesar de tudo "segue cantando e acreditando que enquanto viver o povo Yanomani permanecerá vivo o planeta". O cacique, em sua luta titânica, acabou de ser lançado como candidato ao prêmio "Global 500", designado a quem luta efetivamente pela ecologia.

Quem também participa do disco — que, aliás, é dos mais participados — é o ator norte-americano River Phoenix, de *Conta Comigo*, que ganhou uma canção de Milton Nascimento em seu último disco, "Miltons". Mesmo sem se conhecerem pessoalmente (eles se falaram apenas por telefo-



Criança Kayapó

ne), houve uma identidade imediata entre os dois e River topou integrar o projeto, gravando um texto livre num estúdio norte-americano, e sobre sua fala o índio Tsagu Waíapi fez uma também livre interpretação à flauta. "Txai" é uma grande comunhão de amigos, como conta Milton: "Trabalho com as pessoas que têm a ver com minha vida".

Ao contrário do vinil anterior, quase a seis mãos (Milton, Wayne Shorter e Naná Vasconcelos), o de agora tem o dedo de muita gente: tocando (como Wagner Tiso, também na orquestração e regência) e cantando, (como Marenzi Miranda). Outra faixa destacada pelo compositor-cantor é "Benke" — com letra de Márcio Borges —, feita em homenagem a uma curumim do povo Kampa e "dedicada a todos os durumins e todas as raças do mundo".

Ele surgiu de um "papo" entre Milton e Benke (o menino Kampa). "Eu precisava de uma voz de garoto para cantar comigo e fui encontrá-lo em Belo Horizonte. Ele se chama Leonardo Bretas, entrou pela primeira vez num estúdio e já é um artista". Assim como

Leonardo, outras crianças fazem coro em "Benke" cantando a "minha floresta de jóia".

O disco é o primeiro passo de um projeto que chegará aos palcos — "inclusive aí em Belo Horizonte", disse Milton ao telefone, na entrevista ao C-2. "A partir de agosto a gente faz shows pelas capitais e pelo interior e, se tiver jeito, nas beiras de rio". Nos shows, Milton pretende dividir a cena com os povos da floresta, além de apresentar em telões os vídeos gravados nas viagens. O artista quer que as mensagens da Aliança cheguem ao maior número de pessoas, no Brasil e no exterior, onde o disco-show também chegará. Além disso, a maneira devida deles também deverá ser divulgada — como "a facilidade de índios e seringueiros têm de demonstrar seu amor por tudo". Como Milton diz, "a gente vai vivendo e aprendendo coisas e juntando com as que se sabe. Isso não quer dizer que a gente deixe de ser o que é". Na sabedoria dos índios há muito mais coisas do que pode imaginar nossa vã filosofia — como diria Shakespeare pela boca de Hamlet hoje. Nós só temos que aprendê-las e colocar tudo isso em prática.

no estúdio de sua gravadora, a CBS, e ter escrito canções ecológicas. Isso ele já sabe fazer há muito tempo e muito bem — há uma coleção de músicas sobre o tema e sem nada a ver com a moda. Mas ele levou a sério seu engajamento na Aliança, sabendo que era preciso aprender para colocar no vinil impressões reais: "Aqui ninguém sabe de nada dos índios. A civilização está lá e eles é que são adiantados, e não nós". Daí surgiu um superprojeto que resultou no disco e nos shows que serão realizados no segundo semestre. Primeiro ele fez uma viagem pelo rio Juruá,



muito mais para a prática do que para a teoria.

Os planos são muitos. E quem está participando de perto deles é Márcio Ferreira, da Quilombo. Ele — que vem acompanhando os passos da Aliança muito antes de seu lançamento, num envolvimento que o faz estar "com um pé aqui e outro lá" (na Amazônia) —, conta que ainda há muito chão para percorrer. E sabendo disso, deve-se começar por aqui, Minas Gerais, onde as tribos que restam, entre eles os Krenak, pretendem fazer uma verdadeira campanha pró-rios". "A idéia é salvar rios como o das Velhas, de que a gente usa a água limpa e depois a devolve suja. E ele já foi navegável um dia" — lembra Márcio Ferreira. O empresário não fala apenas por uma simples adesão ao tema. Ele tem-se feito presente em diversos movimentos, como "Roraima: o aviso da Morte — Ação pela Cidadania", um relatório de viagem que conta o drama de vários povos da região e o que tem sido tentado para defender os direitos deles.

Márcio Ferreira e as equipes, que se envolveram na produção do primeiro disco de Milton Nascimento com a Aliança, viajaram 65 mil quilômetros entre rios e matas, conhecendo de perto a vida e os costumes — e mais do que isso as lições do convívio equilibrado com a Natureza — de